As Folias de Reis e suas peregrinações rituais por territórios liminares urbanos.

The folias de reis and their ritual pilgrimages in urban liminary territories.

Luiz Gustavo Mendel Souza

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/6041>

DOI: 10.4000/pontourbe.6041

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrônica

Luiz Gustavo Mendel Souza, « As Folias de Reis e suas peregrinações rituais por territórios liminares urbanos. », *Ponto Urbe* [Online], 24 | 2019, posto online no dia 26 junho 2020, consultado o 27 junho 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/6041> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.6041>

Este documento foi criado de forma automática no dia 27 junho 2020.

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

As Falias de Reis e suas peregrinações rituais por territórios liminares urbanos.

The folias de reis and their ritual pilgrimages in urban liminary territories.

Luiz Gustavo Mendel Souza

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 29/02/2019

Aceitação / Accepted 02/06/2019

INTRODUÇÃO:

- 1 Todos os anos, no período de festejos natalinos, homens, mulheres, jovens e idosos de diversas regiões do território brasileiro se engajam em peregrinações religiosas que se caracterizam por visitas rituais às casas de devotos. Durante este tempo, estes foliões de reis estreitam de forma notável seus laços sociais, bem como suas relações cosmológicas com os antepassados e certas divindades. Ao visitarem as casas de vizinhos, parentes e amigos, as folias de reis procuram performar a viagem mítica à cidade de Belém, que os Reis Magos – Gaspar, Melquior e Baltasar – teriam feito para adorar e presentear o Menino Jesus com ouro, incenso e mirra, segundo a tradição cristã, recriada no imaginário popular.
- 2 Com seus cantos e toques característicos, os foliões de reis oferecem bênçãos em troca de donativos ofertados pelos familiares para o custeio dos circuitos, uma grande e ostentosa celebração onde os donativos acumulados ao longo do ciclo de visitas, chamados *giros* ou *jornadas*, são redistribuídos na forma de muita comida, bebida e diversão para todos. Em geral, os *giros* são realizados entre os dias 25 de dezembro e 6 de janeiro (dia de Reis), preferencialmente nos fins de semana e colocam em circulação

uma ampla gama de bens materiais e simbólicos, tais como bênçãos, graças, visitas, comida, dinheiro, presentes, favores, cantos religiosos, trabalho, divertimento etc. (MAUSS 2003). A unidade mínima de um *giro*, portanto, é a visita a uma casa, compreendendo uma sequência básica de ações, tais como chegada, entrada na casa, distribuição de bênçãos, refeição, apresentação dos palhaços, ofertas, agradecimentos e despedida.

- 3 Estes circuitos rituais ocorrem, preferivelmente, em meio ao intervalo conhecido como epifania de reis (24 de dezembro a 6 de janeiro), mas o ciclo festivo se expande até o dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião, padroeiro da cidade do Rio de Janeiro e santo de devoção de muitos foliões do estado. Porém, os ciclos rituais também podem ser negociados entre os devotos e o mestre. As folias de reis do estado do Rio de Janeiro podem realizar suas saídas no decorrer do ano, porém, há restrições no calendário, como é o caso da quaresma, onde as saídas festivas são proibidas.
- 4 Ao longo desses deslocamentos rituais, os foliões atravessam espaços, territórios, frequentemente hierarquizados e enfrentam uma sucessão de dificuldades em sua mobilidade. Por outro lado, esses deslocamentos revelam uma verdadeira cartografia social, por meio da qual pode-se perceber como se constituem e fortalecem relações de parentesco, amizade e vizinhança. Através de seus percursos por regiões “liminares”, os foliões de reis dão curso a uma importante *missão sagrada*: levar bênçãos aos devotos, permitir que cumpram suas promessas e dar continuidade a uma tradição religiosa.
- 5 Neste artigo, proponho discutir o modo com que foliões de reis se engajam em complexas e, às vezes, tensas negociações com múltiplos agentes sociais para se movimentarem, através de suas articulações, neste mapa hierárquico de domínios, lugares e pessoas. Tomo como caso empírico a *Folia de Reis Nova Flor do Oriente* comandada por Antônio José da Silva, conhecido como Mestre Fumaça de São Gonçalo-RJ. O texto é construído em cinco partes: na primeira, exponho o que compreendo como zonas liminares e as categorias de análise que as tornam um objeto de pesquisa no ramo da Antropologia; na segunda parte, exploro a realidade social e histórica da cidade de São Gonçalo; na terceira, trago à luz quem são os foliões e sua relação com a folia de Reis Nova Flor do Oriente; na quarta parte, aponto como se dá a relação entre os devotos e o mestre na elaboração do trajeto da folia nos *giros* pela cidade; na última parte, concentro-me em estudos de casos que revelam as “táticas” dos devotos e foliões para a organização anual dos *giros* da folia de reis pelas “margens do Estado”.
- 6 Os dados obtidos neste trabalho são frutos de coletas realizadas ao longo de sete anos de pesquisa ao lado do mestre Fumaça. Ele foi o principal interlocutor para o desenvolvimento de minha dissertação (SOUZA 2012) e tese de doutorado (SOUZA 2017); a metodologia utilizada para a obtenção e tratamento de dados foi a observação participante. Minha inserção em campo está intimamente relacionada ao deslocamento dos foliões, pois coloquei meu carro à disposição para auxiliá-los em seus deslocamentos.

COMPREENDENDO ZONAS LIMINARES:

- 7 Arnold van Gennep (2011) foi o primeiro pesquisador a compreender que os rituais de transição podem ser separados em três fases: pré-liminar, liminar e pós-liminar. Victor Turner (2005) concentrou-se na fase liminar, pois nela atribuiu o sentido de intervalo

criativo capaz de criar novas situações, identidades e realidades sociais. Segundo Turner:

Liminaridade é um termo emprestado da formulação, por Arnold van Gennep, dos *rites de passage* “ritos de transição” – que acompanham qualquer mudança de estado ou posição social, ou alguns ciclos etários. Eles são marcados por três fases: separação, margem (*limen* – termo latino para limiar, significando grande importância dos limiares reais ou simbólicos nesta posição intermediária dos ritos, embora, no mais das vezes, *cunicular*, “dentro do túnel”, descrevesse melhor a qualidade dessa fase, sua natureza oculta, sua escuridão por vezes misteriosa) e reintegração. (TURNER, 2008: 216)

- 8 Antônio Arantes (1997) apropria-se das categorias de Victor Turner e colabora com métodos e análise sobre espaços urbanos comuns a diferentes camadas sociais. As ruas das cidades, neste aspecto, seriam “zonas liminares” pensadas através de seu caráter interestrutural: não classificável e culturalmente ambíguo. Arantes contribui para pensar o fluxo pelos territórios marginais como “zonas simbólicas de transição” entrecruzando, superpondo e justapondo os lugares sociais “como se formassem um grande mosaico” (ARANTES, 1997, p. 191). A *missão sagrada* da folia de reis é realizada em períodos e territórios “liminares” (BITTER 2010), o que, de modo geral, é uma qualidade das peregrinações religiosas dentro do ambiente urbano. Antônio Arantes estende a noção de liminaridade, tomada de Victor Turner (2005), aos territórios efêmeros da cidade, aos espaços em que lugares sociais se justapõem e se entrecruzam. Para o autor, “Mais do que territórios bem delimitados, esses ‘contextos’ ou ‘ambientes’ podem ser entendidos como zonas de contato” (1997: 191). São nesses “ambientes” que ocorrem as disputas por controle, estabelecimento das fronteiras simbólicas e também são neles onde ocorrem as articulações dos moradores, ao elaborar suas “táticas”, para realizar suas ações cotidianas ou extraordinárias.
- 9 Compreendo zonas liminares como lugares de trânsito que não podem ser classificados com um “lugar identitário, relacional e histórico”. Marc Augé classifica-os de “não lugares”. As ruas que entrelaçam as zonas periféricas controladas pelo poder coercitivo das facções criminosas podem ser compreendidas como um “não lugar” no momento em que “[...] ele não existe sob uma forma pura; lugares se recompõem nele; relações se reconstituem nele; as ‘astúcias milenares’ da ‘invenção do cotidiano’ e das ‘artes de fazer’ das quais Michel de Certeau propôs análises sutis, podem abrir nele um caminho para si e aí desenvolver suas estratégias” (AUGÉ, 2003, p. 74).
- 10 A negociação para *realizar os giros da folia de reis* em um ambiente urbano faz-se no território da rua onde esse tipo informal de transação se torna muito comum. Como a rua é um lugar de trânsito, as transações realizadas nela não sofrem com um processo de vigilância austera do Estado. A rua torna-se um espaço para a ocorrência das “táticas” dos devotos.

A CIDADE DE SÃO GONÇALO

- 11 A cidade de São Gonçalo se encontra na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro e é reconhecida por ser detentora do segundo maior índice populacional do estado, com 1.044.058 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. O município conta com 247,709 km², e é dividido em cinco distritos, com 91 bairros registrados pela prefeitura e mais 18 bairros reconhecidos pelos cidadãos. O crescimento populacional está intimamente relacionado à história política e econômica

da região. Na primeira metade do século XX houve um salto populacional de 19.129 em 1900 para 127.276 habitantes em 1950. Este primeiro momento de crescimento deu-se em decorrência da reconfiguração econômica de uma cidade que passou a abastecer os municípios do Rio de Janeiro e de Niterói com produtos agrícolas, mas que, ao final da década de 1910, começa a receber indústrias. Ao relacionarmos a conjuntura histórica mundial com a cidade, compreendemos que o declínio da produção agrária ocasionada pela crise de 1929 e atingida, ainda, por respingos da II Guerra Mundial modificará a morfologia territorial, através da expansão da área urbana (FREIRE 2009). Renato Freire aponta que, em resposta à crise, as indústrias foram os alvos do capital que antes era direcionado para o setor agrário, o que fez baixar o preço da terra e favorecer a inversão imobiliária.

- 12 Concomitantemente, houve uma intensificação de ondas migratórias e imigratórias de pessoas que passaram a buscar uma vida melhor, construindo moradias próximas à Capital Federal, que até 1960, localizava-se no Estado da Guanabara, cidade do Rio de Janeiro. Diante da “crise habitacional” aí ocorrida, o município de São Gonçalo surge como horizonte para migrantes e imigrantes com poucos recursos. Segundo Freire, São Gonçalo torna-se alvo de um grande fluxo migracional por deter um número considerável de indústrias, além do barateamento das terras antes direcionadas para a citricultura. Em resumo, esta conjuntura produzirá um crescimento da população de 244.617 habitantes em 1960 para mais de 1.000.000 em 2016. O índice de pobreza da população chegou a 39,86%, de acordo com o censo de 2003 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). É nesse quadro socioeconômico que estão inseridos os componentes da Folia de Reis Nova Flor do Oriente, comandada por Antônio José da Silva, conhecido como Mestre Fumaça.

OS FOLIÕES

- 13 A *Folia de Reis Nova Flor do Oriente* se organiza em torno da família nuclear de Mestre Fumaça, através da participação de suas filhas e netas. Os integrantes mais antigos seriam o senhor Leobardino Viana de 88 anos, Nélcio dos Santos Bilac de 64 anos, Geraldo da Silva com 58 anos, Niraldo Martins de 74 anos e Jorge Soares Máximo de 55 anos. Além de todos os foliões citados acima, temos a participação de Maria da Penha de Souza, de 62 anos, bandeira.
- 14 Fora a família do mestre, todos os demais componentes são migrantes de outras regiões do estado do Rio de Janeiro. Mestre Fumaça, nascido em Trajano de Moraes, relata:

“quando eu era criancinha eu saí é fugido da roça lá de Trajano (de Moraes)! Eu fugi, mas fugi com o circo, fui é tentar a vida no circo, onde trabalhei como toureiro. Você sabe o que era toureiro antigamente?! A gente que era os homens responsáveis em amansar os animais! Com o circo eu viajei o Brasil inteiro, mas a gente montava o circo nas cidadezinhas do interior mesmo! A gente chegava na cidade e lá via se era bom pra montar as coisas, se o movimento (financeiro) não era muito bom não, a gente ia em bora! Foi lá que me deram o apelido de Fumaça, Fumacinha na época”.
- 15 O Mestre organizou e sai com a sua folia há mais de 30 anos e tem toda a sua vida relacionada à devoção: “eu me iniciei foi como folião na folia dos outros, aí aos 14 anos passei a sair de palhaço, na folia de um, na folia de outro do me sogro”. O falecido sogro de Fumaça era o Mestre Manoel Barcellos, ele também proveniente da região norte fluminense do estado do Rio de Janeiro.

- 16 Os foliões de mais idade já se encontram todos aposentados, e trabalham como ajudantes de obra para complementar suas rendas. Os foliões partilham do mesmo fato, todos estão inseridos na devoção do reisado através de suas famílias; Jorge, Liobardino, Nélío e Geraldo dizem acompanhar a folia desde criança em suas cidades de origem e que continuam com a “missão sagrada até quando Deus e os Santos Reis assim permitirem”, diz Geraldo.
- 17 Mazinha e Verinha, as duas filhas do mestre, acompanham seu pai desde muito jovens, e seus filhos e filhas também compõem o corpo de instrumentistas da Folia de Reis Nova Flor do Oriente. Desta forma, percebo que a devoção aos Santos Reis está intimamente relacionada aos laços familiares (SOUZA 2012).

PLANEJANDO O TRAJETO DOS GIROS:

- 18 A organização da trajetória de cada *giro* da folia fica ao encargo do próprio Mestre Fumaça. Por morarem no mesmo quintal em que Fumaça vive, as foliãs Mazinha e Verinha, invariavelmente, tomam conhecimento do percurso previamente, mas a trajetória do *giro*, em geral, é estabelecida pelo mestre e informada aos foliões no mesmo dia da saída do grupo. Algumas visitas são consideradas hierarquicamente mais importantes para determinados foliões, como as casas de parentes próximos, amigos íntimos, terreiros de candomblé e umbanda. Nestes casos, o mestre avisa seus foliões com antecedência durante a semana ou no *giro* anterior. Essa é uma dimensão importante da folia de reis que sinaliza a centralidade dos laços familiares e de amizades na realização dos *giros* e demarcações dos territórios que são percorridos pelos foliões.
- 19 A grande maioria dos devotos são pessoas que se relacionam direta ou indiretamente com a folia de reis. Em sua maioria, são pessoas de mais idade, remanescentes de folias de reis desativadas ou até mesmo os próprios foliões ainda ativos que gostam de receber a bandeira em suas casas (SOUZA 2012). As gerações mais novas são filhos e netos que abrem as portas de suas casas para receber a bandeira Nova Flor do Oriente e seus foliões. Muitos dos devotos atendidos pelo mestre são foliões que saíam com o próprio Fumaça na folia de reis de seu sogro Manoel Barcellos da bandeira Flor do Oriente. 3
- 20 Para organizar os *giros*, mestre Fumaça fala sobre a importância de “atender os
- 21 meus”. Atender é levar a bandeira às casas, permitindo que os residentes pratiquem sua
- 22 devoção ritual e cumpram suas promessas. As pessoas às quais Fumaça se refere, são as
- 23 pertencentes a uma rede de devotos incluídos na realização de *giros* considerados obrigatórios. Aproximo-me de Marshall Sahlins (1983) no tocante a questão de que, dentro das cadeias de relações sociais, há tipos de reciprocidades hierárquicas. Sahlins estabelece sua análise através das comunidades primitivas que seriam sociedades sem Estado, mas que partilhavam de um elaborado sistema de coesão social fundamentado na reciprocidade. Porém, esse sistema de reciprocidade não seria necessariamente baseado em trocas equilibradas e as relações de objetos, doadores e receptores poderiam variar de acordo com a cultura, relação social e parentesco dessas comunidades. O autor propõe o desenvolvimento de tipologias para compreender as variações ocorridas em meio ao intercâmbio primitivo, pois haveria alterações nos níveis de reciprocidade relacionados com o grau de proximidade ligado às hierarquias de parentesco. São três modos de reciprocidade: A) a primeira é a reciprocidade generalizada, em que as pessoas envolvidas expandem a capacidade da troca

indefinidamente visando dar mais e de forma qualificada sem ter tempo estipulado para o retorno da dádiva. Essa relação está mais presente nas trocas familiares, entre amigos e comunidade. A reciprocidade generalizada é a que mais corresponde à relação entre os devotos e os santos. B) A reciprocidade negativa, que, em suma, são trocas que visam ao atendimento do interesse próprio objetivando receber sem ofertar nada em troca. É um tipo de relação que se estabelece com um inimigo. C) O terceiro modo é a reciprocidade balanceada, que geralmente significa um para um, na qual se envolvem pessoas com um certo tipo de reconhecimento mútuo, pois se baseia em uma reciprocidade de coisas de valores próximos.

- 24 As pessoas que têm laços de consanguinidade ou compadrio com o mestre, ou foliões, são incluídos nestes roteiros obrigatórios. Já aqueles que ocasionalmente solicitam a visita da folia ou a solicitam para cumprir uma promessa num momento específico, podem ser contemplados de forma menos comprometida pois o tipo de reciprocidade varia de acordo com a proximidade e o distanciamento sociais.
- 25 No bairro do Boaçu moram uma das irmãs do mestre e parentes de amigos que saiam com Fumaça na antiga Bandeira do senhor Manoel Barcellos. No bairro do Mundel, por sua vez, se encontram os terreiros de umbanda de Vovô Cambona da Bahia e o terreiro Maria de Xangô; este último pertence a dona Maria e Jorge Máximo, integrantes da *Folia de Reis Nova Flor do Oriente* : um terreiro frequentado por todos os foliões do Mestre Fumaça.
- 26 Observo que o trânsito de folias de reis por contextos de religiões mediúnicas e de possessão é muito comum, embora muitos foliões considerem suas práticas devocionais como católicas. No caso da *Folia Nova Flor do Oriente*, esse trânsito ficou completamente evidente ao testemunharmos a festa de Seu Zé na madrugada do dia 25 para 26 de julho de 2015 (dia de São Cristóvão), no centro de Umbanda de Mãe Maria de Xangô. Foram realizadas quatro sessões rituais: sessão de caboclos, de boiadeiro, de Pomba Gira e de Zé Pelintra, respectivamente. Seu Zé apareceu para a sua festa às quatro da manhã. Ele “trabalha na cabeça” de Dona Maria. Foi neste dia que percebemos que todos os foliões estavam presentes e que as mulheres foliãs eram médiuns e que os homens da folia, inclusive os garotos, eram ogãs. Seu Jorge disse que: “todos os garotos são de girar, eles vão tudo lá embaixo e ficam dançando com as entidades”, sugerindo a possibilidade de que eles venham a se tornar médiuns também.
- 27 Entre os bairros mais visitados pela folia de mestre Fumaça, mencionamos: Califórnia, Boaçu, Barracão e Mundel. Já o bairro do Colubandê raramente é visitado. Estes trajetos não são, portanto, organizados prioritariamente pela proximidade dos bairros com a casa do mestre situada no bairro do Mutuá. Observo que nos centros urbanos, onde as relações tendem a ser mais casuais e transitórias e o status de seus residentes muito incerto, torna-se fundamental a manutenção dos laços de parentesco. Especialmente, em bairros de perfil popular e periférico, parentes tendem a viver como vizinhos e vice-versa. Relações de vizinhança são, frequentemente, transformadas em relações de parentesco, produzindo maior proximidade e mesmo maior comprometimento moral. Sugiro, assim, que a cartografia dos *giros*, enreda pessoas e santos de diferentes religiões, desencadeando relações e agenciamentos “totais” (MAUSS 2003). Passamos, assim, a analisar um dos *giros* da folia, caracterizado por se desenvolver no bairro do Mestre Fumaça: Mutuá e Califórnia. Este giro é considerado obrigatório, envolvendo diretamente os parentes do mestre.

- 28 Os foliões realizam este *giro* saindo da casa do Mestre Fumaça, que funciona como a *sede* da folia, a qual os foliões denominam de terreiro. Caminham por cerca de 1.400m até a casa de dona Iêda, na rua Francisco Barbeiro. A segunda parada se dá a 800m até a casa de dona Jandira na rua Júlio Horta Barbosa. De lá, os foliões fazem uma parada na casa de uma das filhas de dona Jandira e retornam para a sede. Ao todo são 3,5km como mostra o mapa 1, porém, é um giro que dura a madrugada inteira. Os foliões saem a partir de uma hora da manhã do terreiro do mestre e retornam às nove horas. É um trajeto relativamente curto, mas exige grande dispêndio de energia pois os foliões carregam seus instrumentos por todo este percurso. Em cada casa, ocorrem longas cantorias rituais, as performances dos palhaços 4 (?) e uma confraternização com farta distribuição de comida e troca de “prosas para colocar a conversa em dia”. Dentre as três residências visitadas, duas são das sobrinhas do Mestre Fumaça, dona Jandira e de sua filha.
- 29 Neste sentido, a realização do giro proporciona o reencontro dos familiares, fortalecendo os laços de sociabilidade e solidariedade. Dona Iêda é devota dos Santos Reis e filha do finado Fióte, reiseiro que saía com o Fumaça na folia de Manoel Barcellos na folia de reis Flor do Oriente.

Giro no bairro do mestre Fumaça¹.

- 30 Dentre as rotas traçadas pelo mestre Fumaça, esta pode ser feita caminhando.
- 31 Diferentemente dos demais percursos, este pode ser realizado em forma de círculo, respeitando a estrutura circular do giro das folias de reis, em convergência com um dos princípios do fundamento religioso do ritual. *Fundamento* é o “corpus de conhecimento” (BARTH 2000), o arcabouço cosmológico e mítico que ampara a realização dos *giros* da folia de reis. Assim como nas “tradições de conhecimento” de Barth, o fundamento é perpassado pelas três características: o “corpus substantivo”, que seria o conteúdo propriamente dito; “os meios comunicativos”, que estão ligados à forma de transmissão, visto que nas folias a oralidade é predominante; e a “organização social”, que são as relações sociais em que esse conhecimento está inserido, como ele será transmitido e quem será o futuro mestre.
- 32 Na prática, o *fundamento* refere-se a todo um conhecimento relativo às regras e etiquetas de conduta para orientação dos foliões em seus engajamentos nas complexas

relações de reciprocidade que esse empreendimento suscita relacionadas com a hagiografia dos santos. Ele também simboliza a missão sagrada delegada pelos santos reis, os primeiros foliões. Essa missão é a responsabilidade que os foliões têm de levar a bandeira/santos reis à casa dos devotos, anunciando o nascimento do Menino Jesus. A bandeira de reis é o símbolo máximo do grupo; ela é o santo, e seu nome gera identidade para os devotos.

- 33 Em suas pesquisas sobre as folias de Urucuia-MG, Luzimar Paulo Pereira (2010) notou que as saídas rituais das bandeiras, em contextos rurais, respeitam um sentido obrigatório, iniciando-se pela direita e encerrando-se pela esquerda 5(?) . O mesmo autor, entretanto, problematiza em um artigo as categorias fundamento e sistema dentro dos reisados (PEREIRA 2014), argumentando que as variações rituais ocorridas de folia para folia se dão pela autonomia que cada uma goza em relação ao seu sistema, ou seja, o sistema possibilita que cada mestre e sua folia se reorganizem em relação ao fundamento, adaptando-o aos contextos específicos. Devido às dificuldades de deslocamento encontradas em meio urbano, entre outras, os mestres e foliões precisam se readaptar e reelaborar seus sistemas rituais para cumprir sua missão sagrada. Isso não significa que a noção de circularidade na estrutura dos *giros* esteja ausente. Em uma das conversas que tivemos com o contramestre Liobardino Vianna, ele nos relatou:

Aqui na cidade fica difícil sair no giro. As coisas são muito difíceis, é uma luta pra poder reunir os foliões. Mas na roça não. Na roça a gente conseguia reunir os foliões e começar o giro na noite de natal e só voltava pra casa depois do dia de reis. Lá a gente tinha a preocupação de traçar o giro, fazendo um giro mesmo! (Liobardino faz um formato de círculo com o dedo). Os demais foliões não relacionam a questão da trajetória circular dos *giros* na cidade.

- 34 Bruno, marido de Mazinha, diz: “a gente faz o que dá, a gente junta um dinheirinho e prepara a folia e faz a jornada. Infelizmente é muito caro sair com a folia. A gente tem que preparar uma rota e dar conta dela.” A dinâmica da cidade impõe dificuldades em seu trânsito devido à precariedade e custo do transporte público, ou pelo fato de que certos territórios são controlados pelo tráfico de drogas, entre outras razões.
- 35 Durante o ano, Mestre Fumaça costuma receber propostas para a realização de
- 36 visitas nas imediações de seu bairro. Testemunhei um homem de aproximadamente quarenta anos, chamado Carlos, morador do bairro de Boa Vista em São Gonçalo, convidar Mestre Fumaça para levar a bandeira à casa de sua mãe, dona Inês, durante o ciclo de *giros*.
- 37 Ele disse que queria “dar de presente à sua mãe a visita da folia pois ela era devota dos Santos Reis”. Ela comemorava aniversário próximo ao dia de São Sebastião e sempre que podia, recebia a folia em sua casa na época em que morava na Baixada Fluminense. Carlos e sua mãe se responsabilizaram por preparar a comida para o almoço dos foliões. Eles também pediram ao mestre que a folia fosse visitar outras duas localidades próximas às imediações de sua casa. A primeira era um bar na região, cujo dono tinha preparado um presépio para receber a folia em sua sala. Os devotos que recebem a bandeira em suas casas também são conhecedores do *fundamento*. Eles preparam suas residências para a entrada do cortejo e para abrigar a bandeira em algum lugar central na sala de visitas. Tal cuidado se justifica, pois a bandeira é objeto de grande centralidade para os foliões e devotos, uma vez que crê-se que ela traz a presença dos santos reis Magos e suas bênçãos. Para tal, uma vela é acesa e colocada ao lado de um copo d’água sobre um móvel central, onde a bandeira é repousada. Alguns devotos

montam um presépio com as imagens da Sagrada Família e os demais santos, de modo que todos fiquem próximos ao símbolo máximo da folia.

- 38 Dando continuidade ao giro, a folia pôs-se a visitar um pequeno barraco próximo à autopista BR-101, onde vive uma colônia de humildes pescadores. No casebre de madeira se amontoavam, precisamente, vinte e oito crianças, em condições extremamente precárias.
- 39 Segundo Carlos, estas crianças eram filhas e filhos dos pescadores e ele disse na ocasião que, “gostaria de levar a folia para as crianças terem acesso à cultura brasileira”. Carlos mencionou que elas sempre se juntavam naquele local para brincarem. Havia três meninas mais velhas, que aparentavam ter entre 12 e 13 anos de idade e que estavam com crianças de colo nos braços. As demais aparentavam ter idade entre 4 e 7 anos. Todas se aproximaram ao ver a folia se posicionar diante delas.
- 40 A apresentação da folia de reis, naquela situação, foi realizada de forma especialmente lúdica. A exposição oral de Fumaça deu-se na forma de uma apresentação circense voltada para o público infantil, como quem quisesse apresentar a bandeira e seus foliões. A história de vida de Mestre Fumaça e sua experiência com circo colaboram em suas apresentações para as mais diversificadas plateias. Seu carisma, associado à sua habilidade performativa, cativa a atenção de seus ouvintes, tal qual o estivessem assistindo em um picadeiro. A “performance” (SCHECHNER 2012) adquiriu um caráter didático, através das cantorias e toques dos instrumentos. Segundo Schechner: “Eficácia e entretenimento não são opostos binários. Na verdade, formam polos de uma ação contínua” (SCHECHNER 2012:81).
- 41 Naquela ocasião, Mestre Fumaça chegou com um ar brincalhão e perguntou às crianças: “você sabem o que é a folia? Ela é a anunciação do nascimento de Cristo que veio nos salvar! Então, os foliões fizeram uma cantoria que remetia à jornada dos Santos Reis e o encontro com a Sagrada Família, durante uns cinco minutos. Logo após o entoar das profecias o mestre disse novamente às crianças: É isso aí, criança, espero que vocês tenham gostado e que os Santos Reis, a Sagrada Família e mais os santos anjos os protejam. E foi uma felicidade estar aqui com vocês! Até mais.” A apresentação, naquele momento, não seguiu à risca seu protocolo ritual, mas, assim mesmo, não deixou de ser eficaz na concretização de seus objetivos.

OS CIRCUITOS DA FOLIA PELAS MARGENS DO ESTADO:

- 42 Chamo a atenção para o fato de que a folia transita por territórios marginais, dramatizando seu ritual em lugares nos quais o Estado não se permite alcançar. A atuação da folia nestas regiões sinaliza determinados “usos da cidade”, pois é através do caminhar pela cidade que ela pode ser conhecida e compreendida (CERTEAU 2011). Michel Agier propõe a possibilidade de realizar uma pesquisa de antropologia urbana através de investigações etnográficas dos espaços precários da cidade, uma antropologia do “ban-lieu”, literalmente, o “lugar de confinamento do banido, cujo afastamento político e territorial permite todas as dominações e exclusões, sejam elas econômicas, culturais ou ‘raciais’”(AGIER 2010:41). Trata-se de lugares que sofrem com a ausência de políticas públicas estatais, e, paradoxalmente, com a presença ostensiva e, muitas vezes violenta, de outra instituição do Estado: a Polícia. Nesse sentido, são

abundantes os relatos de confrontos policiais no cotidiano dos moradores destes territórios. Tais regiões periféricas se revelam como zonas fronteiriças às “margens do Estado” (DAS; POOLE 2008). Veena Das e Deborah Poole sugerem que:

Paradójicamente, es en estos espacios de excepción donde la creatividad de los márgenes es visible; es aquí donde formas alternativas de acción económica y política son instituidas. Sugerir que los márgenes son espacios de creatividad no es decir que las formas que adquieren la política y la economía en estos, las cuales generalmente son formadas por la necesidad de sobrevivir, no estén cargadas de terribles peligros. (DAS; POOLE 2008:34)

- 43 Entrando em territórios dominados pelo tráfico de drogas, Mestre Fumaça, certa vez, nos esclareceu a respeito da necessidade de os moradores visitados pela folia, informarem ao *personal do movimento*, sobre a presença de seus foliões.
- 44 *Movimento* é uma categoria nativa dentro de São Gonçalo e de outras cidades da região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro que se refere ao tráfico de drogas. Seus integrantes estabelecem uma relação de controle de territórios através do domínio de armas de fogo e do estabelecimento de pontos de comercialização de drogas, chamados de bocas de fumo. Nas periferias e particularmente nas chamadas favelas, estabelece-se uma relação complexa entre moradores, o *personal do movimento* e a polícia.
- 45 Persiste ainda no senso comum a ideia de que nestas regiões periféricas, o tráfico de drogas é realizado em troca da oferta de “segurança” aos moradores da região. Este é um dos “mitos” combatidos por Luiz Antônio Machado da Silva e Márcia Pereira Leite (2007), que alertam para o risco de simplificação das relações sociais nesses contextos. Os autores realizam um esforço metodológico de separar as noções de “favela” e “violência” apontando para os relatos de moradores sobre os tópicos de violência policial e criminal, “o que, aliás, constitui evidência clara do equívoco de identificar a recorrência de condutas violentas nas favelas com a banalização destas práticas pelos moradores” (2007: 555). Silva e Leite apontam que a ênfase no discurso que resume favela à violência, embasado na noção de poder paralelo é resultado do desconhecimento das “inúmeras evidências de presença dos aparelhos de Estado (tanto do Executivo quanto do Legislativo) e seus agentes nas favelas” (2007: 551).
- 46 O *movimento* se estabelece, em geral, nas regiões periféricas através da coerção física e moral. Muitas vezes seus integrantes invadem as casas de moradores para se esconder da polícia ou ocultar armas e drogas em momentos de conflito. Como não há uma presença efetiva do Estado, os moradores acabam por ceder às pressões do *movimento*. Além disso, o constrangimento e medo produzidos nestas situações acabam conduzindo o assunto a um silenciamento. Assim mesmo, a presença e a ação do *personal do movimento* nem sempre inviabilizam os *giros* da folia.
- 47 Na madrugada do dia 4 de janeiro de 2015, a folia de reis foi à casa de José de Aguiar, um folião do mestre Fumaça, morador do bairro do Boaçu. Neste dia, comprometi-me a levar os foliões de carro até o local em duas viagens. Logo na primeira, ao deixar a primeira parte do grupo, fomos abordados por três rapazes do *movimento* que aparentavam ter entre vinte a trinta anos. Ao notarem um carro desconhecido parando em uma rua deserta com pessoas de uniforme vermelho, os rapazes se aproximaram. Expliquei que estava levando o *personal* da folia de reis e perguntei se eles foram avisados. Logo responderam que sim e disseram que estava tudo tranquilo. Um dos rapazes, visivelmente sob efeito de entorpecentes, perguntou se estava a fim de fazer um cavalo de pau. Recusamos, lhe respondemos que o carro era 1.0 e que não tinha

potência para fazê-lo. Com um sorriso no rosto, ele disse que ficássemos tranquilos que nada nos aconteceria .

- 48 O medo de circular sozinho de carro pela região, àquela hora, levou-me a pedir a Maria da Penha que me acompanhasse para buscar o restante do grupo, pois, caso fosse parado, teria o argumento de estar com a folia. Quando cheguei com o restante do grupo, Verinha relatou que o mesmo rapaz ficou contando histórias violentas para eles, mas que, em determinado momento, a esposa dele foi buscá-lo na rua, levando-o para casa. Em todas as esquinas das ruas pelas quais passamos com a folia de reis naquela noite, pude perceber a presença de pelo menos três pessoas que pareciam estar relacionadas ao tráfico de drogas. Para nossa surpresa, em uma das casas nos relataram que um rapaz do *movimento* fora morto pela polícia no dia anterior, por isso o ambiente estava tão tenso.
- 49 Mazinha precipitou-se e disse que não queria mais voltar ali e que iria reclamar com o pai, que o senhor José de Aguiar “deu mole” e que ele deveria ter avisado a folia para evitar todo esse constrangimento. De fato, o senhor José de Aguiar estava ciente, mas segundo ele, “não tinha problema, não”. De certo modo, ele ignorou o fato de que a qualquer momento poderia haver um conflito entre o pessoal do *movimento* e a polícia, se acaso essa última aparecesse. Durante toda a noite, andamos sob forte vigilância do movimento e, quando a folia pôs-se a tocar, alguns dos rapazes se aproximaram para vê-la.
- 50 Estes exemplos podem revelar a importância da negociação e da elaboração de “táticas” (CERTEAU) para enfrentar a ação e o controle do tráfico exercidos nas “margens do Estado”, através de uma “sociabilidade violenta”. Porém, essa força não neutraliza completamente o poder de atuação por parte da folia. O mestre Fumaça estabelece essa negociação com o *movimento* no momento em que aciona moradores, informando-os do roteiro das visitas. Verifica-se que os moradores estabelecem acordos com os integrantes do movimento, baseados em preceitos morais.
- 51 Nestes casos as categorias de análise de Michel de Certeau (2011) são boas para pensar as práticas elaboradas pelos foliões na ausência de auxílio do poder público em relação ao transporte:
- Em suma, a tática é a arte do fraco. [...] Quanto maior um poder, tanto menos pode permitir-se mobilizar uma parte de seus meios para produzir efeitos de astúcia: é com efeito perigoso usar efetivos consideráveis para aparências, enquanto esse gênero de “demonstrações” é geralmente inútil e “a seriedade da amarga necessidade torna a ação direta tão urgente que não deixa lugar a esse jogo”. O poder se acha amarrado à sua visibilidade. Ao contrário, a astúcia é possível ao fraco, muitas vezes apenas ela, como o “último recurso”: “Quanto mais fracas as forças submetidas à direção estratégica, tanto mais estará sujeita a astúcia”. Traduzindo: tanto mais se torna tática (CERTEAU 2011: 95).
- 52 A circulação da folia de reis nestas regiões com o consentimento do tráfico é um indicativo de interações sociais constituídas em meio à dialética relação entre “táticas” e “estratégias”. Em “Coreografias de evasão: segregação e sociabilidade entre os jovens do breakdance das favelas da Maré”, Otávio Raposo mostra como o breakdance estabelece uma ponte para a realização de circuitos dentro do complexo da Maré, permitindo o fluxo dos dançarinos por favelas dominadas por facções rivais:
- O receio de atravessar a fronteira não é injustificado, pois os relatos dos abusos cometidos por traficantes – que variam da agressão física à morte quando confundidos com o ‘inimigo’ – são comuns, estando disseminados na memória dos

moradores da Maré. No entanto, a prática do break dance permitiu que os jovens rompessem com essa imposição de fronteiras e gerou uma abertura para outras partes do bairro que antes lhes eram vedadas. A composição do grupo de jovens que dança breaking reflete o alargamento das suas redes de amizade e é o resultado das transformações no modo de se apropriarem do bairro. Entre eles há pessoas que vivem em territórios que são de domínio de diferentes facções, como por exemplo Nova Holanda, Parque União, Rubens Vaz, Morro do Timbau Vila do Pinheiro e Ramos. Embora este estilo seja pouco usual no bairro, esses jovens já conquistaram um relativo reconhecimento no interior da Maré. São identificados como o ‘pessoal do hip hop’, e dispõem de uma relativa tranquilidade para transitar entre as diferentes favelas. (RAPOSO, 2012:332)

- 53 Os foliões podem circular nestes contextos mediante negociação, porém, em situações limite, como se verifica diante de um iminente confronto entre facções rivais ou com a polícia, o fluxo da bandeira pode ser bastante limitado ou até mesmo proibido.
- 54 Ressalto aqui a necessidade do acionamento das redes de sociabilidades entre moradores e o *movimento* para as realizações dos *giros*. Neste sentido, as visitas prévias do mestre Fumaça aos moradores são fundamentais para a manutenção da integridade física de seu grupo ritual. Assim, mesmo, a segurança dos foliões e moradores nunca está completamente garantida, uma vez que os conflitos armados podem deflagrar-se a qualquer momento, sem aviso prévio.
- 55 No dia 13 de janeiro de 2016 o mestre Fumaça nos pediu para que o levasse ao bairro do Mutondo, de modo a que ele pudesse avisar alguns moradores sobre o giro da folia a ser realizado naquela localidade no próximo fim de semana. Na realidade, ele queria que o acompanhasse até a casa do finado Fióte que se situava em uma região conhecida como Chumbada, um território que conecta o bairro do Mutondo ao bairro do Galo Branco, conhecido por ser controlado pelo tráfico de drogas. Perguntei ao mestre se não haveria problema em ficarmos transitando de carro por aquela região e ele me respondeu: “é só andar de vidros abaixados e ligar o pisca alerta do carro que ninguém implica não!” As palavras do mestre denotam que há um código de conduta nestas localidades bastante disseminado entre moradores que transitam de automóvel pelo local. Esses sinais servem tanto para a segurança deles quanto para avisar aos *soldados do tráfico* de que se trata de alguém que se relaciona com algum morador daquela região.
- 56 O caminho escolhido por Fumaça foi o bairro do Mutondo e logo na rua de acesso à Chumbada encontramos o primeiro impedimento. A rua estava com uma barricada feita de toras de árvores queimadas que impossibilitava o acesso. Paramos o carro e perguntamos a dois senhores que estavam na esquina conversando se poderíamos passar ou se era melhor estacionarmos ali e continuarmos nosso caminho a pé. Eles disseram que era só afastar as toras que poderíamos passar com o carro, mas que deveríamos colocá-las de volta. Notamos que alguns jovens de moto que estavam no bar em frente à barricada nos observavam atentamente.
- 57 A primeira casa visitada foi a de dona Lourdes, uma senhora de aproximadamente sessenta anos. Ela nos atendeu no portão e disse que seria um prazer receber a folia de reis naquele fim de semana. Perguntamos a ela se teria algum problema a folia tocar lá de madrugada, ao que ela respondeu negativamente. Próximo à casa, havia três jovens de aproximadamente vinte anos que conversavam. Dona Lourdes os chamou e disse: “ô Gabriel, esse sábado a folia vai vir aqui. Chama os meninos para dar uma olhadinha

aqui! Eu sei que vocês gostam!” Os meninos aos quais dona Lourdes se referia eram os *meninos do movimento*.

- 58 A região era completamente fiscalizada pelos *soldados do tráfico*. A cada esquina avistamos pelo menos três rapazes, todos muito jovens. Nenhum parecia carregar arma de fogo, fora um jovem de aproximadamente dezoito anos que estava à porta do centro de candomblé ao qual nos dirigimos para avisar sobre a visita da folia de reis. Quando nos aproximamos do portão, notamos que este mesmo rapaz empunhava uma arma de fogo em uma mão e um rádio em outra. Ele nos pediu que levantássemos a camisa, certamente para se certificar de que não estávamos carregando nenhuma arma de fogo na cintura. O mestre disse que estava ali para falar com a dona Rosinha, então o rapaz pôs-se a bater no portão com agressividade, até que uma das filhas da dona do terreiro abriu a porta.
- 59 Após este incidente, nos direcionamos à casa da última pessoa a ser avisada sobre o giro daquele fim de semana. Logo na esquina encontramos um casarão antigo que aparentava estar abandonado, com uma estrutura de telhado de quatro águas e uma varanda. Nela se reunia um grupo de dezesseis jovens que provavelmente estavam relacionados ao *movimento*. O casarão ficava em uma parte alta da rua, configurando-se como um ponto estratégico para visualizar qualquer transeunte na rua principal que dava acesso ao bairro do Mutondo e ao bairro do Estrela do Norte. Para ir à casa do finado Fiote tivemos que passar em frente ao casarão. Chegamos a um terreno extenso que comportava um conjunto de 4 casas, todas distribuídas entre os filhos de Fióte. Quem nos atendeu foi Amauri, um senhor de 50 anos que se emocionou ao conversar com Fumaça. Ele contou que após a morte de seu pai “a casa tinha treze anos que não recebia nenhuma folia”. Ele nos garantiu que avisaria à comunidade sobre a visita da folia de reis. Neste caso avisar à comunidade englobaria não apenas os vizinhos, mas os *meninos do movimento*.
- 60 Na volta para *sede*, passamos pela rua que dava acesso ao bairro do Estrela do Norte. Estava tenso pela situação e perguntei ao mestre se não teria problema em realizarmos o giro naquele lugar no fim de semana pela madrugada. Fumaça nos respondeu:
- Olha, a folia de reis sempre foi a lugares assim, Se a gente fica com medo, a gente não sai nem de casa. Mas o que nós fazemos é uma missão! É claro que se o bicho tá pegando, o pessoal dá uma ligada pra gente e avisa para não botar a folia pra dentro! Ai! Nesse caso, a gente não vai com a bandeira pra lá nesse ano, deixamos pro ano que vem. Por que o devoto também precisa receber o reis!
- 61 As saídas rituais das folias dependem destas articulações para a realização dos *giros* nestas “zonas de contato”. Para tal, o mestre vai às casas dos devotos com antecedência para acionar os laços de sociabilidade dos moradores com seus familiares e vizinhos. Estes realizam o mesmo, ampliando suas “redes de relações” (CAILLÉ 2002) de modo a atingir os circuitos dominados pelo pessoal do *movimento*. Para a compreensão da categoria analítica “rede”, aproximo-me da noção de Alain Caillé:
- A rede é o conjunto das pessoas em relação às quais a manutenção de relações interpessoais, de amizade ou de camaradagem, permite conservar e esperar confiança e fidelidade. Mais do que em relação aos que estão fora da rede, em todo caso. A única coisa que falta a priori nessas análises é reconhecer que essa aliança generalizada que constitui as redes, atualmente como nas sociedades arcaicas, só se cria a partir da aposta da dádiva e da confiança (CAILLÉ 2002: 65).

- 62 As ruas das zonas periféricas da cidade são áreas de conflitos diários entre: polícia/o movimento; o movimento/disputas internas pelo comando; o movimento/facções rivais; moradores/o movimento; moradores/polícia. Uma das “táticas” utilizadas pelos moradores, como vimos anteriormente, consiste em convidar os meninos do movimento a se aproximarem dos eventos da folia na qualidade de público. Podemos perceber que as relações de moradores com os agentes do tráfico pode ser mais estreita do que suspeitamos. Como Daniel Bitter (2010) notou em suas pesquisas sobre as folias de reis no Complexo da Mangueira, alguns membros do tráfico podem ter relações de parentesco com os foliões e que, embora exista uma distância moral entre estes domínios, pode haver muitas conexões inesperadas. Bitter notou, também, que muitos agentes do tráfico são devotos dos Santos Reis e que existe, até mesmo, a possibilidade de a folia os visitar.
- 63 O mestre Fumaça e os demais foliões já vivenciaram várias situações de conflito com o movimento em seu cotidiano, seja como devotos em meio ao seu *giro* ou como moradores que precisam se deslocar em plena madrugada. Os “usos da cidade” em meio às “margens do Estado” faz com que as pessoas se apropriem de linguagens específicas para transitarem em meio às zonas periféricas. Os moradores e visitantes precisam dominar estes códigos e etiquetas específicos para garantir sua integridade física e moral em seus deslocamentos. Em todo caso, a proteção do hóspede é responsabilidade do anfitrião, para usarmos as categorias de análise de Pitt-Rivers (2012), que deve manejar normas de etiqueta para o controle das possíveis situações conflituosas em relação ao “hóspede/hostil”, ao mesmo tempo em que deve proteger a pessoa do hóspede no momento em que cruza a porta da casa. No tocante à questão da comida, é importante ressaltar que há toda uma lógica sobre sua preparação e um conjunto de noções sobre como servi-la, o que pode ser compreendido pelo que Pitt-Rivers (2012) chama de “lei da hospitalidade”. Pitt-Rivers compreende a “lei da hospitalidade” como um conjunto de códigos sociais universais que visam estabelecer uma relação entre o anfitrião e o hóspede. O hóspede deve honrar seu anfitrião consumindo o que lhe for oferecido e não usurpar o lugar do dono da residência; já o anfitrião deve honrar seu hóspede oferecendo seu melhor, defendendo-o e protegendo-o. A “lei da hospitalidade” tem por princípio amenizar os conflitos fundados em uma relação ambivalente buscando a ordem e tornando o desconhecido conhecido. Para Pitt-Rivers, a “lei da hospitalidade” é uma categoria de análise universal que pode ser aplicada para compreender tanto sua etnografia realizada entre os *pueblos* da Espanha quanto nas comunidades esquimós analisadas por Boas.
- 64 Às duas horas da madrugada do dia 17 de janeiro de 2016 fomos à Chumbada pelo acesso do bairro Galo Branco. Tivemos que realizar três viagens de carro para levar todos os foliões. Logo na primeira viagem nos deparamos com uma rua extensa com barricadas feitas de móveis velhos em cada uma das três quadras que passamos. Próximo às barricadas havia duas pessoas sentadas, auxiliadas por um piloto de moto que rodeou o carro por três vezes.
- 65 Havíamos cumprido todas as regras exigidas para chegar com o automóvel mas, mesmo assim, o piloto colocou a cabeça para dentro do carro pela janela do motorista. Perguntei se ele tinha sido avisado sobre a folia de reis e ele respondeu afirmativamente. Avisei que teríamos que realizar o trajeto, mais duas outras vezes e a cada ida e vinda, as barricadas eram retiradas e reposicionadas. Mais à frente, em um campinho de futebol localizado na rua onde estávamos, ocorria um baile de favela 16 (?)

com carros de som estacionados reproduzindo uma música ensurdecadora. Neste dia tive contato com mais de 300 *soldados do tráfico* que estavam na festa.

- 66 Pudemos passar pelas imediações do baile por três vezes sem enfrentarmos maiores problemas. Chamo aqui a atenção para outras “táticas” de proteção dos visitantes adotadas pelos anfitriões. Ao entrar em um beco que dava acesso à casa do finado Fióte deparei-me com seus filhos, netos e bisnetos, além da presença de quatro vizinhas, que ocupavam a calçada numa intensa sociabilidade. Eles conversavam ao som de um rádio, cujas caixas foram posicionadas em cima de um muro e voltadas para a rua. Enquanto isso, refrigerantes e petiscos nos foram oferecidos. Essa situação contrasta com o *modus operandi* das chegadas das folias de reis nas casas. Normalmente, os moradores devem estar no interior de suas casas com as portas e janelas fechadas e as luzes apagadas. Ao sinal do toque dos instrumentos, indicando a proximidade da folia, os moradores devem acender as luzes e abrir as janelas e as portas respondendo à cantoria, de acordo com as profecias entoadas.
- 67 Sugiro que a ocupação da calçada, neste contexto, opera uma transformação de um território público em privado, revelando-se como uma “tática” para preservar a integridade dos foliões. Os familiares levam seus assentos, caixas de som, bebidas e comidas para fora, transformando a calçada em uma extensão do espaço interno da casa, como uma forma de dar visibilidade ao fato de que aquela casa está em um período festivo. Essa aglomeração próxima à porta da casa é crucial para proporcionar a sensação de segurança entre eles, especialmente no período liminar da madrugada. Naquela madrugada, quando todos os integrantes da bandeira Nova Flor do Oriente chegaram, os devotos da morada entraram levando consigo todas as coisas, dando início à visita da folia nas casas do terreno.
- 68 Da casa do finado Fióte até o terreiro de Dona Rosinha, próxima casa a ser visitada, dista aproximadamente setecentos metros. Os foliões realizaram este trajeto caminhando, enquanto fomos à frente de carro levando as crianças (Duh, Kaique e Cauã) e os instrumentos mais pesados. Fomos acompanhados por duas senhoras que estavam na casa de Amauri, filho mais velho de Fióte, e que queriam ver a folia tocar no terreiro. Eram quatro horas da manhã e a iluminação da rua estava muito precária devido aos vários postes sem manutenção. Em frente ao terreiro havia um carro estacionado com três homens na parte de trás trabalhando em algo que não dava para identificar à distância. O mais alto deles se encaminhou para trás de um muro pequeno da rua, sacou uma arma e a apontou para a direção do meu carro.
- 69 Pedi para que as senhoras me identificassem para o rapaz, mas elas não o viam por causa da pouca iluminação e também pelo efeito das bebidas alcoólicas que elas haviam consumido. Quando elas ganharam consciência do perigo que estávamos correndo, o rapaz já estava do lado da janela apontando a arma para a minha cabeça, enquanto tentava acalmar a situação, dizendo que havia criança no carro. Ao perceber a situação, o homem escondeu a arma na cintura e perguntou o que estava ocorrendo ali. Expliquei que a folia de reis iria tocar no terreiro de dona Rosinha e perguntamos se acaso eles haviam sido informados, sendo a resposta negativa. Quando chegaram todos os componentes da folia, os três rapazes pediram para os palhaços tirarem as máscaras.
- 70 O mestre pôs-se a conversar com os *soldados do tráfico*, mas a situação só se agravava, pois eles diziam que não sabiam de nada e ao bater na porta do terreiro, nenhuma moradora respondia. O conflito começou a se intensificar quando dois dos soldados se mostraram mais exaltados, falando agressivamente e muito agitados. O mais velho

deles conversava com o mestre e tentava mediar a situação até o momento em que negou a entrada da folia. Fumaça se alterou e disse que iria entrar sim que não tinha ido até ali à toa! Em meio a essa tensão, a filha de dona Rosinha abriu o portão e negociou a entrada da folia de reis.

- 71 Explicando a situação. O terreiro de dona Rosinha se localizava em uma pequena elevação em uma rua sem saída que só tinha acesso pela rua principal. Os *soldados do tráfico* que nos abordaram, estavam embalando saquinhos de cocaína atrás de um carro. No momento em que chegamos, eles colocaram o material dentro de uma caixa de pizza, mas em cima do capô do carro havia uma mala preta grande entreaberta. Como eles não foram avisados pelos moradores sobre a chegada da folia, o pessoal do movimento estava realizando seus procedimentos de rotina. Ao ver um carro se aproximando com pessoas enfileiradas carregando instrumentos, o responsável do grupo logo reagiu.
- 72 A negociação acabou favorecendo a folia pelo fato do terreiro de dona Rosinha
- 73 realizar seus cultos nesta região há mais de 50 anos. Ao longo desse período, eles só conseguiram se estabelecer através de em uma negociação constante com o pessoal do *movimento*, dentro da qual existe algum tipo de reconhecimento mútuo e reciprocidade moral (MAUSS 2003; CAILLÉ 1998).
- 74 O caráter de resistência de rituais festivos frente à opressão da violência do tráfico de drogas foi notado por Renata de Castro Menezes:
- Por outro lado, torna-se possível entender como conseguir celebrar a festa pode ganhar conotações de resistência da comunidade diante do tráfico, ou de resistência da cidade diante da escalada da violência. Realizar a festa em 1994, ainda que minimamente, pode ser lido como um sinal de; “teimosia”; e ; “perseverança”; diante de acontecimentos que pareciam inviabilizar definitivamente o curso da vida normal. (MENEZES 2000: 108)
- 75 Resistência esta que permite que os *giros* sejam realizados em meio às “margens do Estado” através de apropriações criativas dos territórios das cidades, de negociações, reciprocidade e das “táticas” dos moradores para driblar as “estratégias” dos poderes coercitivos do movimento.

CONCLUSÃO

- 76 A proposta deste artigo foi explorar as “táticas” do mestre e seus foliões para a realização da *missão sagrada*. Elas também se estendem aos anfitriões que se articulam de maneira a garantir a manutenção da integridade física e moral dos reiseiros em meio às áreas de risco da cidade. A principal chave de análise foi a necessidade do acionamento das redes de sociabilidades entre moradores e o *movimento* para as realizações dos *giros*. Neste quesito, as visitas realizadas pelo mestre na semana anterior à saída ritual revelam-se um instrumento de garantia das *jornadas* naquele território. Os devotos responsabilizam-se por avisar o *pessoal do movimento* através de outra “tática” fundamental, o convite.
- 77 Como já foi trabalhado, primeiramente, o trajeto da *folia de reis* é estabelecido pelo mestre Fumaça durante a semana em que o *giro* se realizará. O que pude demonstrar, no decorrer da pesquisa de campo, foi a necessidade de coordenação de acordos não ditos que as redes de sociabilidades proporcionam, para além da comunicação. As saídas

rituais das folias dependem destas articulações para a realização dos *giros* nestas “zonas de liminares”.

- 78 Este trabalho etnográfico aponta para as potencialidades das análises antropológicas nos circuitos rituais realizados no âmbito da cidade. Não se limitando à realidade da região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, mas podendo ser aplicado às demais “zonas de conflito” que se encontram nas periferias brasileiras. Neste aspecto, o estudo de caso da folia de reis *Nova Flor do Oriente* é exemplar para a compreensão das “táticas” realizadas pelos foliões e devotos anfitriões para a produção de festejos religiosos em áreas de risco.

BIBLIOGRAFIA

- AGIER, Michel. 2010. *Antropologia da Cidade: lugares, situações e movimentos*. São Paulo: Ed. Terceiro Nome.
- ARANTES, Antônio. 1997. A Guerra dos Lugares: Sobre Fronteiras Simbólicas e Liminalidades no Espaço Urbano. In: *Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional*.
- AUGÉ, Marc. Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus/Travessia do Século, 2003. 111 p.
- BARTH, Frederik In: Lask, Tomke (org) 2000. O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contracapa.
- _____ (2000 a) – An Anthropology of Knowledge. In: *Current Anthropology* V.43 nº 1: 1-18.
- BITTER, Daniel. 2010. A Bandeira e a máscara: A circulação de objetos rituais nas folias de reis. Rio de Janeiro: 7 Letras; Iphan/ CNFCP, 2010.
- CERTEAU, Michel de. 2011. *A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- CAILLÉ, Alain. 1998. Nem holismo nem individualismo metodológicos. Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.13, n.38. São Paulo.
- DAS, Veena; POOLE, Deborah. 2008. El estado y sus márgenes. *Etnografías comparadas*. Cuadernos de Antropología Social, nº 27, pp. 19–52.
- FREIRE, Renato Coelho Barbosa de Luna. 2009. *Cidades da cidade: práticas e representações da política municipal da nova São Gonçalo/RJ – 1950 – 1954*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) -Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- GENNEP, A. V. 2011 *Os ritos de passagem*. 2. ed., Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes.
- MAUSS, Marcel. 2003. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify.
- MENEZES, Renata de Castro. 2000. Um episódio e algumas lições: a Festa da Penha no ano de 1994. In: *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*. 30, Juiz de Fora, Y. 3, n. 2, p. 91-116.

PEREIRA, Luzimar Paulo. 2013. À mesa com os santos: A noção de “fartura” nas folias de Urucuia (Minas Gerais). In: GONÇALVES, José Reginaldo, GUIMARÃES, Roberta Sampaio, BITAR, Nina Pinheiro. A alma das coisas: patrimônios, materialidade e ressonância. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj.

_____. 2010. Os Giros do Sagrado: Um Estudo Etnográfico Sobre as Folias em Urucuia. Rio de Janeiro: 7 Letras.

PITT-RIVERS, Julian. 2012. The law of hospitality. HAU: Journal of Ethnographic Theory, London: University of London, v. 2, n. 1, p. 501-517.

RAPOSO, Otávio. 2012. Coreografias de evasão: segregação e sociabilidade entre os jovens do breakdance das favelas da Maré. Etnográfica, Lisboa, v. 16, n. 2, p. 315-338, jun.

SAHLINS, M. D. 1983. Economia de la edad de piedra. Madrid: Akal.

SCHECHNER, Richard. 2012. In: LIGEIRO, Zeca. Performance e Antropologia de Richard Schechner. Rio de Janeiro: Mauad.

SOUZA, Luiz Gustavo Mendel. 2012 No caminho dos mestres: um estudo sobre folia de reis Nova Flor do Oriente em São Gonçalo na segunda metade do século XX. São Gonçalo, 2012, 167 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo.

_____. 2017. GIROS URBANOS: Uma etnografia da festa do arremate da folia de reis de São Gonçalo-RJ. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.

SILVA, Luiz Antonio Machado da; LEITE, Márcia Pereira. 2007. Violência, crime e polícia: o que os favelados dizem quando falam desses temas? In: Sociedade e Estado. Brasília, v. 22, n. 3, p. 545-591, set./dez.

TURNER, Victor. 2005. Floresta de símbolos: aspectos do Ritual Nambu. Niterói: EdUFF.

_____. 2008. Dramas, Campos e Metáforas: ação simbólica na sociedade humana. Niterói: EdUFF.

NOTAS

1. Mapa do trajeto realizado nos bairros do Mutuá e Califórnia: *Giro* nos bairros do Mutuá e Califórnia. Os foliões saem da *sede* do Mestre Fumaça caminhando 1,4km até a casa de dona Iêda, na rua Francisco Barbeiro, nº 289. A segunda parada é uma caminhada de 800m até a casa de dona Jandira na rua Júlio Horta Barbosa, nº 374. De lá, os foliões fazem uma parada na casa de uma das filhas de dona Jandira e retornam para a *sede* do mestre. Ao todo, são 3,5km como mostra o mapa; porém, é um *giro* que dura a madrugada inteira. Fonte: <https://www.google.com.br/maps/@-22.821665,-43.0026365,12z>.

RESUMOS

Em diversas regiões do Brasil, durante o período de festejos natalinos, grupos de cantores e tocadores realizam um longo circuito de visitas rituais às moradias de familiares, vizinhos e amigos, distribuindo bênçãos em troca de ofertas destinadas à realização de uma grande festa em louvor aos Reis Magos do Oriente. As peregrinações religiosas, denominadas jornadas ou giros, inspiradas nas viagens míticas dos Reis Magos, colocam em circulação uma ampla gama de bens tais como: bênçãos, graças, visitas, refeições, dinheiro, presentes, favores, cantos religiosos, trabalho, divertimento etc. Neste trabalho, propomos explorar a problemática dos deslocamentos desses foliões por territórios urbanos liminares, frequentemente hierarquizados por fronteiras materiais, morais e simbólicas. Para dar curso a estas visitas rituais, os foliões se engajam em complexas e, às vezes, tensas negociações com múltiplos agentes sociais para se movimentarem, através de suas “táticas”, neste mapa liminar e hierárquico de domínios, lugares e pessoas.

In various regions of Brazil, during the Christmas festivities, groups of singers and players perform a long circuit of ritual visits to the homes of relatives, neighbors and friends, distributing blessings in exchange for offers destined to hold a great feast in praise of the Magi Kings of the East. The religious pilgrimages, called journeys or turns, inspired by the mythical trips of the Magi, put into circulation a wide range of goods such as: blessings, graces, visits, meals, money, gifts, favors, religious songs, work, fun, etc. . In this work, we propose to explore the problematic of the displacements of these revelers at liminal and hierarchical urban territories, often marked by material, moral and symbolic borders. To carry out these ritual visits, the performers engage in complex and sometimes tense negotiations with multiple social agents to move through their “tactics”; in this hierarchical map of domains, places and people.

ÍNDICE

Keywords: folias de reis, religious pilgrimages, urban territories, drugs traffic, São Gonçalo-RJ

Palavras-chave: folias de reis, peregrinações religiosas, tráfico de drogas, territórios urbanos, São Gonçalo-RJ

AUTOR

LUIZ GUSTAVO MENDEL SOUZA

Doutor em Antropologia pelo Programa em Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal Fluminense. Universidade Federal Fluminense (UFF) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia (ICHF) Rua Professor Marcos Waldemar de Freitas Reis, s/nº Campus do Gragoatá – Bloco P, 2º andar – Sala 203 CEP: 24210-201 – São Domingos – Niterói – RJ. A pesquisa que resultou neste artigo contou com financiamento da CAPES.
posantropologiauff@gmail.com